

FONTE : JB

CLASS. : 19

DATA : 27/09/88

PG. : _____

JORNAL DO BRASIL

JE

27/9/88

Opini

A floresta amazônica

Antônio Carlos Vidigal

Contam os historiadores antigos que há talvez uns 2 mil anos um reino do norte da África queria invadir o reino vizinho, situado a algumas dezenas de quilômetros de distância. A separá-los havia uma densa mata virgem, e foram precisos 2 mil escravos trabalhando 8 meses para derrubar uma faixa de mata, abrindo um caminho para o exército invasor. Pesquisas arqueológicas modernas atestam a veracidade dessa história, e apontam a localização dessa tão intransitável floresta: está dentro do atual deserto do Saara.

Vendo as notícias recentes nos jornais sobre as queimadas na floresta amazônica, com sua repercussão mundial, fico imaginando se o Brasil estará assistindo ao princípio da criação de um novo deserto. Alguns americanos e europeus estão convencidos disso, e um iaque mais radical já propôs mandarem os fuzileiros navais para resolver a situação. Idéias ridículas à parte, o problema é sério.

Aprendi na escola que as plantas atuam como purificadores do ar, absorvendo gás carbônico e soltando oxigênio. Há muito que ouvimos falar na importância de nossa floresta como "pulmão do planeta". Sendo a maior floresta do mundo, ela é, conseqüentemente, a maior purificadora do ar, tendo portanto uma importância grande não só para nós brasileiros, mas para toda a Terra. A novidade que está sendo debatida agora, e está causando tanta celeuma, é o chamado

"efeito estufa". Dá-se esse nome estranho ao fenômeno moderno, ainda não totalmente estudado, mediante o qual a fumaça que se desprende da queima de combustíveis como madeira, carvão e derivados de petróleo fica na atmosfera criando uma espécie de barreira em torno do planeta, impedindo o seu resfriamento. O efeito disso é a gradual elevação das temperaturas médias. Isso levaria, de acordo com os mais pessimistas, ao derretimento dos gelos polares, fazendo com que o nível dos oceanos subisse em alguns metros, inundando cidades costeiras tais como Rio de Janeiro, Nova Iorque, Los Angeles e tantas outras.

O que fazer? A solução não é fácil. A imprensa tem cobrado insistentemente uma atitude do IBDF e do Ministério da Agricultura, mas eu acho que o problema ultrapassa a competência desse ministério. Vejamos os três tipos principais de queimadas, e suas causas:

1. Os incêndios criminosos, que são um caso de polícia.

2. A queimada anual praticada pelo pequeno agricultor para "limpar" suas terras. Essa técnica agrícola milenar, também praticada em outros países, é uma questão cultural e econômica. Existem outras maneiras de se desfazer de resíduos, ou de limpar pastos, mas são mais caras e o nosso pequeno lavrador não as conhece.

3. A queimada que se segue à derrubada da mata quando esta é desbravada pela primeira vez. A mata é derrubada, seja a machado, a moto-serra ou trator de esteira, e deixam-se os troncos secando

ao sol por alguns meses. Quando o material está seco, atea-se o fogo, limpando o terreno para o plantio. Esta técnica pode ser abandonada, pois existem diversas maneiras de se evitar essa queima.

Em algum momento, anos atrás, o governo federal tomou a decisão de ocupar a Amazônia com atividades agrícolas e criou a Sudam. Acho que talvez tenha chegado o momento de reverter essa decisão, interrompendo o processo de desmatamento. Novas permissões para derrubada de mata só seriam dadas para projetos muito especiais, que não utilizassem queimadas, visassem à atividade agrícola de alta tecnologia e obrigassem ao aproveitamento da madeira. Essa decisão incluiria um limite máximo de área explorada em toda a Amazônia, digamos, da ordem de 20% a 30%, o que quase equivaleria à preservação da floresta ainda existente. Essa, obviamente, é uma decisão a ser tomada pelo presidente da República com consulta à sociedade como um todo.

Dessa forma estaria salvo o "pulmão do planeta", e afastado o perigo do agravamento do efeito estufa. O Brasil sacrificaria o interesse econômico de curto prazo em benefício do interesse global da humanidade. Cabe uma pergunta: se o país estiver disposto a abrir mão da utilização de parte substancial da sua área agricultável, em benefício do interesse geral, os outros países não deveriam nos recompensar por isso? Acho que de alguma maneira deveríamos cobrar essa conta.

Antônio Carlos Vidigal é empresário